

Construtora atrasa

DIA

CORREIO DA GUARÁ

11 AGO 1987

cronograma

CELSO FONTOA Jr.
Da Editoria de Cidade

Até novembro estarão concluídas as obras de construção dos 2 mil e 100 metros de galerias necessários à eliminação dos problemas de captação de água, que provocaram o que se convencionou chamar de Buraco da Ceilândia. A previsão é da assessoria especial para assuntos de erosão, engenheira Veridiana Bragança, ao traçar o cronograma retomado esta semana com a montagem do canteiro de obras da construtora Tocantins, que edificará 377 metros de galerias, nas proximidades da QNN 20, na Guariroba.

Os outros 120 metros necessários à complementação de toda a malha pluvial ficarão a cargo de uma construtora a ser escolhida através de nova licitação. Esta parte da obra deveria ter sido executada pela construtora Polienge, até março deste ano. Porém, explicou a assessora do GDF, "os problemas acarretados pelo Plano Cruzado, sobretudo a falta de material como brita, areia, madeira e ferragem, além da dificuldade para se encontrar peças de máquinas, tornaram inviável a concretização dos trabalhos".

Diante deste problema, a Novacap — que contrata as firmas — teve que entrar com medida judicial para obter a rescisão do contrato, o que só ocorreu na última semana. Nos próximos dias serão publicados os editais de licitação, estipulando 45 dias como prazo de entrega da obra. Os 377 metros a serem construídos pela Tocantins deverão estar prontos dentro de 75 dias.

CUSTOS

O contrato assinado com a construtora Tocantins foi de Cz\$ 8 milhões 600 mil. Veridiana calculou que a licitação para recuperar o tempo perdido pela Polienge deverá ficar em torno de Cz\$ 5 milhões. Até agora, o GDF já gastou perto de Cz\$ 50 milhões na solução dos problemas acarretados pela erosão na Ceilândia.

Este montante está dividido da seguinte forma: Cz\$ 27 milhões na construção de 1 mil 582 metros de galeria moldada, na Guariroba; 4 mil 430 metros de galerias de águas pluviais na QNN 20 (Cz\$ 3 milhões 700 mil); pavimentação superficial, construção de 30 mil metros de meio-fio e 40 bocas-de-lobo, também na QNN 20 (Cz\$ 17 mi-

lhões) e 350 metros de escadaria de concreto, com aterro, e 11 bacias de retenção de água na área da Usina de Lixo (Cz\$ 2 milhões 300 mil).

As obras na QNN 20 são fundamentais para a solução do problema. Ponto mais alto da imediações, era responsável pelo escoamento irregular das águas que, juntando-se às que brotam naturalmente no minadão terreno da área, provocavam a erosão que vinha destruindo o terreno, a ponto de causar rachadura em mais de 20 residências da quadra.

FUTURO

Terminada a construção da malha de galerias, o GDF atacará a recuperação propriamente dita da voçoroca, que se espalha pela Guariroba e chega nas imediações da Usina de Lixo. As margens dos barrancos serão raspadas, com a construção de drenos no leito da voçoroca para filtragem das águas subterrâneas e pluviais. Serão construídas também quatro barragens de contenção do lixo que será lançado no local, última etapa do fechamento do buraco.

Veridiana previu que serão necessários dois anos para que o buraco seja totalmente coberto: "As rampas serão necessárias para que os caminhões possam encostar e descarregar o entulho que sedimentará o terreno. Esta etapa será muito demorada, devendo durar aproximadamente dois anos". Sómente após a cobertura total do buraco é que a Secretaria de Viação e Obras construirá no local uma ampla área de lazer popular.

ATIVIDADES

Já acostumada a trabalhar com os problemas de erosão acarretados, basicamente pela característica arenosa do solo do Distrito Federal, Veridiana lembrou que "trabalhos semelhantes se desenvolvem em Brazlândia, Planaltina e Guará". No Guará, as obras vêm sendo executadas na QE 38, que passa pelo mesmo processo da QNN 20, na Ceilândia: construção de galerias pluviais, meios-fios e bocas-de-lobo.

Segundo Veridiana, o trabalho desenvolvido é um pouco integrado: "Os buracos chamam mais a atenção do que as obras já realizadas. Assim, todo mundo fala dos problemas da erosão, sem observar o que já foi feito para solucionar os problemas".

Solução vai custar caro

"Parece uma cena do Apocalipse". A frase do governador José Aparecido durante visita ao buraco da Ceilândia, em fevereiro do ano passado, expressou não só a sua surpresa pelo que via como também determinou uma agilização até então não observada na solução do problema. Dias depois, em 13 de fevereiro, Aparecido criava o Grupo Executivo para o Combate à Erosão, coordenado pela engenheira Veridiana Bragança e um grupo de técnicos dos departamentos de geologia e engenharia da UnB.

Em outubro do ano passado, tiveram início os trabalhos de construção das galerias, que deveriam estar prontas em janeiro deste ano, o que não aconteceu pelos problemas ocorridos com a construtora Polienge, que se desdobrou no retardamento das obras iniciadas ontem pela Tocantins.

Se os desdobramentos do problema são recentes, a previsão do que poderia ocorrer é antiga. Em 1956, a firma norte-americana Donald J. Belcher and Associated, contratada pelo Governo brasileiro para fazer um levantamento do solo e escotilhar qual seria o local dentro do quadrilátero do DF mais adequado para a construção da cidade, lançou a adverténcia: "Os maiores problemas enfrentados pelos engenheiros da viação da cidade estarão relacionados

com a pouca capacidade de drenagem do solo no local". Como medida preventiva, o relatório sugeriu a extensa cobertura vegetal das camadas de terra que compõem a infra-estrutura do solo".

BURACO

Cravado nas proximidades da QNN 20, mas avançando sobre toda a Guariroba, raco, em seu principal leito, mede aproximadamente 100 metros de comprimento, por 50 de largura e 15 de profundidade. A construção de mais de 2 mil metros de galeria, número a princípio desproporcional ante a extensão do próprio buraco, se faz necessária por incluir toda a captação de águas pluviais e esgoto da QNN 20, numa malha que converge no buraco e irá desaguar no córrego do Grotão. Na Usina do Lixo, outro ponto de erosão, o problema foi detectado na encosta que faz fundo à sua área. Hoje, o local já está totalmente recuperado, tendo sido eliminado os riscos de comprometimento da área da própria Usina.

Quando visitou a área, já ciente do relatório Belcher, o governador Aparecido comentou: "É impossível que nenhum dos governos anteriores tenha tomado conhecimento disso". Não tomaram, e o preço desta desatenção chegará a Cz\$ 70 milhões, no mínimo.